/diariodolitoral
/diariodolitoral
/diariodolitoral

DIÁRIO do litoral.com.br



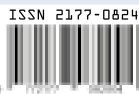
Domingo
7 DE JULHO DE 2024

INFORMAÇÃO É TUDO

R$ 4,00
ANO 25 - Nº 8.915

No Brasil desde 2023, ID.4 não foi colocado à venda. **AUTOMOTOR/A5**


LUIZA KREITLON/AUTOMOTRIX


ISSN 2177-0824

Apenas uma palavra: Plásticos

A frase que marcou um dos primeiros grandes sucessos do ator Dustin Hoffman nos cinemas afirmava que os plásticos seriam o futuro da humanidade. Quase 60 anos após o filme 'A Primeira Noite de um Homem', uma estimativa aponta que os plásticos realmente podem ser o futuro, mas trágico, dos oceanos, que poderão ter mais materiais do tipo, do que peixes em todo o globo e, para piorar, parte deste destino indigesto pode até já ser visto na Baixada Santista. **ESPECIAL/A8**

BRIAN YURASITS / UNSPLASH

Menos plástico tem a reciclagem como destino

Os oceanos acumulam hoje entre 75 e 199 milhões de toneladas de resíduos plásticos, segundo estimativa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Trata-se de um retrato má gestão global de resíduos sólidos urbanos, em que mais lixo plástico escapa para o meio ambiente (22%) do que é coletado para reciclagem (15%). **ESPECIAL/A8**

Série traz comédia em produtora de videogames **CULTURA/A7**

Remake de 'Paper Mario' consagra obra-prima da Nintendo **CULTURA/A7**



NAIR BUENO / DIÁRIO DO LITORAL

Atletas e funcionários da Briosa têm atrasos salariais

Situação na Portuguesa Santista ficou delicada após derrota na A2. **CIDADES/A4**

Xico Sá fala sobre livro, futebol e machismo


MONISE SOUZA/GAZETA DE S.PAULO

O escritor Xico Sá acaba de lançar "Cão Mijando no Caos" (editora e-Galáxia), seu 15º livro, em que repassa a agitada vida política nacional dos últimos anos. A publicação descreve as Jornadas de Junho, o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a eleição de Jair Bolsonaro e as sucessivas crises durante a pandemia da Covid-19. **ESTADO/A3**


CÉLIO EGÍDIO
Reforma tributária: reforma ou mero ajuste **OPINIÃO/A2**


NILSON REGALADO
Governo não importará arroz, mas cereal está mais caro **REPÓRTER DA TERRA/A4**


PEDRO NASTRI
Rui Falcão deverá se dedicar para Boulos **EM DESTAQUE/A2**







Em destaque

Por Pedro Nastri

Carla Zambelli e o caso Chica da Silva. Durante uma transmissão pelas redes sociais, a deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) se referiu à também deputada Benedita da Silva (PT-RJ) como "Chica da Silva", em referência à personagem histórica que foi escravizada no Brasil no período colonial e, após conquistar alforria, ganhou destaque político na sociedade da época. Na ocasião, Zambelli se queixava de não ter espaço para falar durante a reunião de mulheres parlamentares do P20, o braço legislativo do G20, que ocorre em Maceió (AL) desde a última segunda-feira (1º). "Eu não vou ter poder de fala, né? Eu não vou falar porque provavelmente... Não sei por que não vou falar. Parece que já foi montada pela Secretaria da Mulher, que é a Chica da Silva", disse Zambelli. O líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados, Odair Cunha (MG), encaminhou uma representação ao corregedor da Casa, Domingos Neto (PSD-CE), contra Zambelli pelo suposto ataque racista dirigido à deputada Benedita da Silva. Cunha também encaminhou uma representação criminal à Procuradoria-Geral da República (PGR) pedindo providências em relação ao caso. Por ser parlamentar federal, Zambelli tem foro especial e só pode ser processada criminalmente pelo Ministério Público Federal (MPF).

Rui Falcão vai se dedicar a campanha de Boulos. O deputado federal Rui Falcão (PT-SP) vai se licenciar do mandato por 120 dias para se dedicar à campanha de Guilherme Boulos (Psol) a prefeito de São Paulo. A decisão de Falcão foi tomada a pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Falcão recebeu Lula em sua residência em São Paulo para um jantar. O presidente agradeceu pessoalmente ao deputado por ter concordado em passar 4 meses inteiramente dedicado à campanha de Boulos. A candidata a vice na chapa será a ex-prefeita paulistana Marta Suplicy. Com a decisão de Falcão, quem assume a vaga é seu suplente e pré-candidato à prefeitura de Campinas, Pedro Tourinho (PT-SP). A disputa pelo comando da cidade é a eleição municipal mais importante do Brasil. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) tentam influenciar diretamente o pleito num teste de popularidade de seus campos políticos.

Especialista diz que leilão da Sabesp foi um fracasso. Amauri Pollachi, conselheiro do Observatório Nacional dos Direitos à Água e ao Saneamento (Ondas) e especialista em saneamento e recursos hídricos, afirma que a oferta da Equatorial é "vil". "A Equatorial, para assumir o controle da Sabesp, vai pagar R$ 6,5 bi, que vale um pouco mais que um ano de investimentos da empresa. Eu diria que o leilão e a busca por um acionista de referência foram um total fracasso. "Pollachi lembra ainda o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) defendia a privatização para "modernizar" a Sabesp. "Nós estamos vendo chegar um grupo que, em saneamento, tem experiência que se resume a dois anos de operação de 16 cidade do Amapá, somente em área urbana", diz. "Hoje Macapá é a segunda pior capital do Brasil em indicadores de saneamento, então as credenciais do grupo Equatorial são muito ruins".



De olho no Poder

Por Bruno Hoffmann
bruno@gazetasp.com.br



É perverso, é nojento mesmo

A pré-candidata Tabata Amaral (PSB) respondeu a Pablo Marçal (PRTB), após insinuação de que ela abandonou o pai doente para estudar nos EUA.

MUDANÇA DE BARCO
Aliado de Nunes com Marçal

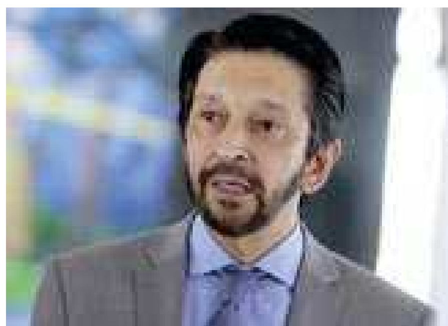
O presidente municipal do União Brasil e da Câmara de SP, Milton Leite, afirmou que a relação com o prefeito Ricardo Nunes (MDB) não está nada boa. Com isso, estuda levar o União Brasil para apoiar outro pré-candidato, e o nome favorito é o do empresário Pablo Marçal (PRTB). Chama a atenção que até semana passada Leite era um defensor ardoroso de Nunes e anunciou sucessivas vezes que desejava ser vice do emedebista. Só que Nunes acabou seguindo a determinação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) ao escolher Ricardo Mello Araújo (PL) para a chapa. Em paralelo, Marçal se reuniu recentemente com lideranças nacionais do União Brasil, incluindo o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. Houve conversas sobre um acordo para o União Brasil apoiar o empresário em São Paulo em 2024 em troca de Marçal subir no palanque de Caiado em 2026 na disputa à Presidência da República.


JOSÉ ANTONIO TEIXEIRA/AGÊNCIA BRASIL

Prova oral. A Assembleia Legislativa do Estado São Paulo (Alesp) aprovou no início desta semana o projeto de lei que determina a extinção da prova oral para os cargos de investigador e escrivão da Polícia Civil paulista. A exceção é válida para o cargo de delegado. A proposta é de autoria do deputado estadual Danilo Balas (PL)."A exclusão da prova oral tornará o processo seletivo mais eficiente, justo e menos dispendioso, mantendo a qualidade na seleção dos futuros policiais civis do Estado", defendeu o parlamentar.

Mata-leão. A Prefeitura de Osasco disse que vai passar a proibir golpes como "mata-leão" em abordagens da Guarda Civil Municipal (GCM). A decisão foi tomada após um ciclista de 27 anos ter sido agredido por seis agentes da GCM no centro da cidade da Grande São Paulo na última terça (2/7). Os agentes envolvidos, que disseram que o homem não poderia pedalar no local, foram afastados das ruas.

Mercado da Lapa. A lei que declara o comércio e os produtos do Mercado Municipal da Lapa, na zona oeste da capital paulista, como patrimônio cultural imaterial do estado de São Paulo foi sancionada pelo vice-governador Felício Ramuth (PSD) nesta semana. Segundo Mauro Bragato (PSDB), deputado autor do projeto, o local, inaugurado em 1954, faz parte da vida cultural e econômica da cidade de São Paulo. "Estou muito feliz por essa conquista", celebrou o parlamentar tucano.


WILSON DIAS/AGÊNCIA BRASIL

Maratona. Ricardo Nunes correu uma espécie de maratona nesta sexta-feira (5/4), ao participar de seis entrega de obras pela cidade de São Paulo. Isso tudo porque a partir do dia seguinte os pré-candidatos passam a estar proibidos de participar de inaugurações de obras públicas. "Essas ações têm o potencial de influenciar a opinião pública de maneira desequilibrada, favorecendo os candidatos em exercício de mandato ou com acesso privilegiado à máquina pública", explicou, à coluna, o cientista político Elias Tavares.

DIÁRIO do litoral.com.br

Informação é Tudo
Somos Impresso.
Somos Digital.
Somos Conteúdo.
Diário do Litoral - 25 anos

SERGIO SOUZA
Fundador

ALEXANDRE BUENO
Diretor-Presidente

DAYANE FREIRE
Diretora-Administrativa

ARNAUD PIERRE COURTADON
Editor-Responsável

JORNAL DIÁRIO DO LITORAL LTDA · Fundado em 12/11/1998 · **Jornalista Responsável:** Alexandre Bueno (MTB 46737/SP) **· Agências de Notícias:** Agência Brasil (AB), Folhapress (FP) **· Comercial e Redação:** Rua General Câmara, 141 SALA 82 - Centro - Santos. CEP: 11010-121 - Fone: 13. 3307-2601 **· Parque Gráfico:** Rua General Câmara, 254. Centro - Santos. CEP: 11010-122. **São Paulo:** Rua Tuim, 101-A - Moema, São Paulo - SP - CEP 04514-100 - Fone: 11. 3729-6600 · Matérias assinadas e opiniões emitidas em artigos são de responsabilidade de seus autores.

FALE COM DIÁRIO

Fundador - Sergio Souza
sergio@diariodolitoral.com.br
Diretor Presidente - Alexandre Bueno
alexandre@diariodolitoral.com.br
Diretora Administrativa - Dayane Freire
administracao@diariodolitoral.com.br
Editor Responsável - Arnaud Pierre
editor@diariodolitoral.com.br
Site e redes sociais
site@diariodolitoral.com.br

Fotografia
fotografia@diariodolitoral.com.br
Publicidade
publicidade@diariodolitoral.com.br - marketing@diariodolitoral.com.br
Financeiro
financeiro@diariodolitoral.com.br
Gráfica
grafica@diariodolitoral.com.br
Telefone Gráfica e Redação
13. 3307-2601
Site - www.diariodolitoral.com.br


GRUPO GAZETA DE S. PAULO

Edição digital certificada: DocuSign

Jornal Associado: ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS



Célio Egidio

celioegidio@gmail.com
Colaborador

REFORMA TRIBUTÁRIA
Reforma ou mero ajuste

A tão esperada reforma tributária pretende restabelecer uma nova relação entre o Estado fiscal e os seus contribuintes. Com a união de vários impostos em uma única sigla, o Congresso Nacional acredita que poderá revolucionar as complexas regras do sistema tributário nacional, que hoje possui substituições, recuperações e outros termos que não fazem parte do cotidiano das pessoas. Agora, em fase de regulamentação, os deputados do grupo de trabalho, destinado a descrever minuciosamente os itens da reforma, avançaram em temas mais palatáveis para a população, que, no fundo, pergunta se pagará ou não mais impostos.

Alguns itens da cesta básica, como as carnes, serão tributados. A proposta de alíquota zero, feita pelo presidente Lula (PT), não ecoou entre os técnicos, embora siga com uma alíquota diferenciada. Hoje, carnes bovinas, suínas e frango possuem zero de incidência de impostos federais, e os estados aplicam somente 7% de ICMS. Agora, pretendem, com IBS e CBS, taxar com cerca de 10% de imposto.

Em resumo, o churrasco e o bife do brasileiro ficarão mais caros. A cerveja, companheira dos bares, ficará mais cara, pois entrará no rol dos "impostos do pecado", que são aqueles com percentual mais alto. A modalidade cashback será bem-vinda. Trata-se de créditos que os inscritos no Cadúnico poderão receber daquilo que pagaram de impostos no momento da compra. Na verdade, foi criado uma espécie de crédito tributário para a pessoa comum, pois as empresas já gozavam dessa possibilidade.

Fora a questão da cesta básica, que é essencial, em outros momentos a reforma poderá onerar os empreendimentos e, com o efeito cascata, o produto. Na lista dos impostos seletivos, ou seja, mais altos, estarão as mineradoras, com percentuais maiores de recolhimento, sem analisar o efeito cascata dos produtos, tais como alumínio, ferro e outros. Enfim, nossa panela ficará mais cara.Tema complexo que merece cautela e bom senso. Aguardemos.

Agora, em fase de regulamentação, os deputados do grupo de trabalho, destinado a descrever minuciosamente os itens da reforma, avançaram em temas mais palatáveis para a população, que, no fundo, pergunta se pagará ou não mais impostos

Célio Egidio é jornalista, advogado, Doutor em Direito pela PUC-SP e assessor parlamentar.

XICO SÁ

Cansei de escutar: 'Volta pra Bahia, comunista'

O escritor Xico Sá acaba de lançar "Cão Mijando no Caos" (editora e-Galáxia), seu 15º livro, em que repassa a agitada vida política nacional dos últimos anos. A publicação descreve as Jornadas de Junho, o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a eleição de Jair Bolsonaro e as sucessivas crises durante a pandemia da Covid-19, mas pela visão de um dos cronistas mais populares do País.

"Não tive a pretensão de analisar esses fatos como um sociólogo, como um historiador, mas como um cronista", disse o escritor, durante participação ao podcast Direto da *Gazeta*, nesta semana. Ele também é jornalista e apresentador do ICL Notícias.

Sobre as passeatas de junho de 2013, Xico conta a história de um casal que começou a se amar durante um protesto. Na tomada da avenida Paulista pela direita, revela um personagem nordestino que começou vendendo camisetas do Che Guevara e logo se adaptou ao desejo da nova clientela, ao ofertar camisas amarelas com o rosto de Bolsonaro.

HATERS.
Xico mantém uma atividade política clara: é de esquerda e defensor do presidente Lula (PT). Disse que conviveu com os "haters" por todo esse período. "Cansei de escutar 'volta pra Bahia, comunista'. E eu não sou nem da Bahia e nem comunista".

Só se assustava de fato quando estava com a família e a discussão escalava para algo mais violento.

"Uma vez eu estava no centro de São Paulo com a minha mulher grávida, e sai um cara do meio dos camelôs me xingando. Eu tive até uma incompreensão na hora porque tenho amigos que me cumprimentam assim no Recife [risos]. Eu disse que não estava o reconhecendo, e ele: 'Não vai reconhecer mesmo', e veio numa violência muito grande", lembrou.

"Esse foi um grande momento de grande tensão. Como a minha mulher é mais brava do que eu, ela que botou o cara para correr".

Houve casos, porém, que o entrevero com desconhecidos começava em política, mas acabava de forma mais calma, numa cerveja, após o interlocutor começar a lembrar das passagens de Xico em mesas redondas futebolísticas. "O poder do futebol diluí um pouco a porradaria política".

SANTISTA COM TIO CORINTIANO.
Xico nasceu na região do Crato, no sul do Ceará. A paixão pelo futebol surgiu logo depois, com o fascínio pelas notícias sobre o Santos na década de 1960, então o maior time do mundo.

"Virar santista era igual gostar de uma música dos Beatles nos anos 60. Era quase obrigação. Era o grande time do mundo", relembrou. empolgado.

Mais tarde, resolveu iniciar a carreira no Recife. Depois, resolveu vir para São Paulo. Primeiro ficou na casa de um tio, no Parque São Rafael, zona leste da cidade, que insistia que ele fosse corintiano.



MONISE SOUZA/GAZETA DE S.PAULO

Não tive a pretensão de analisar esses fatos como um sociólogo, como um historiador, mas como um cronista

Virar santista era igual gostar de uma música dos Beatles nos anos 60. Era quase obrigação. Era o grande time do mundo

O jovem cearense resistiu às investidas do tio Alberto, mas contou que sempre colocou em seu texto os personagens corintianos com especial atenção, considerados por ele como um dos grandes símbolos da cidade de São Paulo.

Alberto morreu em 2008, pouco antes do Corinthians sacramentar a volta à Série A do Campeonato Brasileiro. Xico nunca esqueceu dos amigos do tio, sobre o caixão com a bandeira do Corinthians, dizendo: "Pô, Alberto, esperava mais uma semana. Você ia ver a volta do Corinthians".

CONVÍVIO COM SÓCRATES
Um dos amigos de Xico Sá na cidade de São Paulo era Sócrates, ídolo eterno do Corinthians e da seleção brasileira. Ambos tinham em comum a afinidade com a esquerda e com o gosto de dividir mesas de bares.

Na entrevista, ele revelou o lado religioso do ex-jogador.

"Pouco antes de morrer o Doutor estava radicalmente espírita. Tanto que estava paz e amor, nem aí para a morte. Estava com uma consciência espírita muito grande, tranquilaço", contou no podcast.

Entre risos, Xico lembrou que há pessoas onde tratando o ídolo corintiano como uma espécie de santo popular. "Escrevi para ele que aqui na Terra estão fazendo promessas para parar de beber no seu túmulo, tirando uma onda, porque isso que fazia com ele a vida inteira".

Revelou, também, que o parceiro era um contador de histórias.

"O Doutor era um cara do interior, contador de causo. Às vezes ficava irritado com a situação política, porque sonhou com um Brasil infinitamente melhor do que chegamos, mas em geral era um contador de histórias", completou.

REVISÃO DO MACHISMO.
Conhecido pela literatura inicialmente com o tom de um homem urbano mais rústico, mais machista, Xico contou que hoje tem vergonha de certos textos que escreveu décadas atrás.

"Por mais que eu tivesse uma devoção às mulheres, hoje eu quero queimar [aquelas crônicas]. Todos passamos por uma revisão, principalmente os homens. A gente era machista às vezes sem vergonha nenhuma. Hoje até podemos incorrer em um caso ou outro, mas pelo menos temos vergonha", explicou.

Ele chegou a escrever uma a coluna "Macho", na Folha, que tirava sarro da onda metrossexual à época, mas também destilava um machismo então visto com naturalidade pelo grosso da sociedade.

"Era um machismo que vinha em forma de humor, de uma certa tiração de onda, mas visto de hoje é uma excrescência [risos]. Eu saio roubando meu primeiro livro [Modos de Macho, Modinhas de Fêmea] na casa de amigos para esconder. Quero tirar ele de circulação". **(Bruno Hoffmann)**





PROBLEMA. Profissionais ligados à Portuguesa Santista precisaram contar com ajuda de terceiros para manter orçamento em dia

Briosa não cumpre acordo e atletas e funcionários têm atrasos salariais

» No começo de abril de 2024, a Portuguesa Santista esteve a um passo do tão sonhado acesso para a elite do futebol paulista. Com o azar nas cobranças de pênaltis, os bastidores da Briosa se tornaram em um verdadeiro caos e a crise financeira ficou evidente. A Reportagem do Diário do Litoral foi procurada por pessoas que relataram o não cumprimento de um acordo salarial e o atraso de mais de dois meses na folha de pagamento.

De acordo com uma delas, que preferiu não se identificar, a vida financeira de mais de 30 pessoas foi afetada e está sendo alterada pela situação. O grupo é composto por funcionários, comissão técnica, jogadores e até antigos profissionais.

Ainda de acordo com a fonte, cada caso se encontra com um intervalo de tempo de dependência diferente, variando entre 2 até 4 meses de não recebimento.

No caso dos atletas a dívida equivale aos meses de maio, junho e julho. Oficialmente, a quitação aconteceria em quatro vezes. Agora, os jogadores esperam receber as três outras partes faltantes. Até o momento, a comissão técnica não recebeu nenhum tipo de valor.

Somado a isto, o grupo de atletas está em conversa para acionar a Justiça comum para ter uma solução. Uma outra reclamação é a falta de atenção e transparência da diretoria da Portuguesa Santista que sequer atualizou as datas do pagamento ou deu algum tipo de respaldo.

Questionada sobre os casos, a diretoria da Portuguesa se limitou, em nota enxuta, a desmentir informações sobre as dívidas com funcionários e ex-funcionários. Já sobre os questionamento por parte dos jogadores, a Briosa afirmou que cada atleta tem um acordo individual.

A informação foi confirmada através da apuração com diversas fontes anônimas ligadas ao clube.

AJUDA DE TERCEIROS. Para conseguir manter as atividades do clube, o grupo de funcionários precisou receber ajuda de terceiros. A aplicação do dinheiro, utilizado para adquirir itens básicos e tentar amenizar as dificuldades, não teve nenhum tipo de controle ou vínculo da própria diretoria.



DOUGLAS TEIXEIRA / AGÊNCIA BRIOSA

No caso dos atletas a dívida equivale, atualmente, aos meses de maio, junho e julho

A lista de de tópicos onde o montante foi utilizado é extensa: Pagamento da pré-temporada (hospedagem e alimentação completa), suplementação física, itens básicos do café da manhã (o clube só fornecia pão com manteiga e café preto), máquina de suco para as refeições (a Briosa oferecia somente água), pagamento de concentração em hotel, compra de aparelhos de fisioterapia, pagamento de premiação, transporte para treinos e salário para os jogadores.

A grande preocupação era que todos conseguissem honrar seus compromissos na vida pessoal, como o pagamento de aluguel e outros tipos de contas particulares.

SEM CALENDÁRIO. A última partida da Portuguesa Santista aconteceu no início de abril de 2024. Naquela ocasião, a Briosa enfrentou o Noroeste pela semifinal da Série A2 e foi derrotada por 4 a 3 após dois empates consecutivos.

Com o resultado, a equipe verde-rubro não conquistou a vaga na primeira divisão do Campeonato Paulista. **(Igor de Paiva)**



Repórter da Terra

Por Nilson Regalado - Colaborador
editor@gazetasp.com.br

O Agro venceu

Governo não importará arroz, mas cereal está mais caro que há 12 meses

O ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, anunciou na quarta-feira (3) que o Governo Federal não vê mais necessidade de importar arroz porque os preços recuaram nas últimas semanas. Após a disparada no valor do grão que se seguiu à catástrofe climática no Rio Grande do Sul, de fato, o preço da saca de 50 quilos recuou nos últimos 40 dias. Ou seja, o ministro tem razão. Mas, só em parte! Entre o final de maio e o início de julho a saca do arroz em casca caiu de R$ 122,02 para R$ 113,94. Porém, essa queda de 7% não foi suficiente para reduzir o impacto no bolso do consumidor após altas astronômicas registradas nos últimos 12 meses. Dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) indicam que, na porteira das fazendas do Sul, o preço do cereal ficou 39% mais caro entre junho de 2023 e maio deste ano.

Apesar do recuo, o Governo Federal mantém em vigor a portaria que autorizou a importação de até 1,1 milhão de toneladas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), caso produtores e comerciantes voltem a especular com o produto. E o Governo Lula também manteve zerada a tarifa de importação do arroz. E disse que vai priorizar o diálogo com produtores, indústria e atacadistas a fim de evitar a escalada nos preços ao consumidor.

E essas medidas servem como uma espécie de vacina porque o cenário pode voltar a mudar nas próximas semanas. Com a valorização do dólar frente ao real, os produtos brasileiros ficaram mais baratos no exterior.

Neste ano, de janeiro a maio, o Brasil exportou 494 mil toneladas e importou 707 mil toneladas de arroz. E exportamos o grão de pior qualidade, quebrado, mas importamos arroz integral e branco, já beneficiado. Vendemos principalmente para Senegal, Costa Rica, Venezuela e Cuba. E compramos de Paraguai, Uruguai e Tailândia.

Agronegócio receberá...

No ano-safra 2024/25, o Governo Federal vai destinar R$ 508,6 bilhões para financiar o agronegócio exportador de commodities agrícolas, como soja, milho e carnes. Outros R$ 76 bilhões estarão disponíveis para a agricultura familiar, que fornece 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros. Todo esse recurso público representa 10,6% de tudo o que o Governo Federal vai arrecadar em impostos ao longo de 2024.


Snapwire/Pexels



Filosofia do campo

"Todas as coisas que têm algum grau de dificuldade, que parecem impossíveis, confia ao tempo porque ele oferece doces saídas a muitas amargas dificuldades"

*** Miguel de Cervantes (1547/1616),** romancista e poeta espanhol, em 'Dom Quixote'.

...mais dinheiro público...

Mas, apesar do volume gigantesco de dinheiro à disposição dos fazendeiros, a Associação dos Produtores de Soja não está satisfeita. Após o anúncio do Plano Safra, na quarta-feira (3), a Aprosoja reclamou e considerou o montante insuficiente.

...que ministérios e...

A título de comparação, esse repasse de dinheiro público aos fazendeiros e sitiantes a juros camaradas, negócio de pai para filho, é maior que a soma dos orçamentos de ministérios como Educação (R$ 180 bi), Saúde (R$ 231 bi), Defesa (R$ 126 bi) e Meio Ambiente (R$ 3,7 bi) juntos.

...que programas como...

Ainda a título de comparação, o volume de recursos públicos destinados ao agronegócio é maior que a soma de todos os repasses que serão feitos a programas como o Bolsa Família (R$ 168,6 bi), o Minha Casa Minha Vida (R$ 13,7 bi), o Seguro Desemprego (R$ 50,5 bi) e o Benefício de Prestação Continuada (R$ 100,6 bi) juntos.

...Bolsa Família e Minha Casa

Mesmo somando tudo que o Governo Federal pretende investir em novos projetos de infraestrutura ao gasto com os programas sociais, o volume de dinheiro destinado a financiar o agro ainda continuará sendo maior. Neste ano, o Plano Aceleração do Crescimento (PAC) terá R$ 54 bilhões para obras nos 27 estados. Isso representa menos de 10% do que foi garantido para o financiamento do agronegócio.

Ofertas na feira

Abacate margarida, carambola, limão-taiti, mamões formosa e papaia, maracujá azedo, melancia, tangerinas olé e poncã, abóboras japonesa e moranga, berinjela, beterraba, cenoura, mandioca, pepinos comum e japonês, tomates rasteiro e sweet grape, almeirão; alfaces crespa, lisa e americana; brócolos ninja, manjericão, escarola, moyashi e cogumelo hiratake fecham a semana com preços em queda na Ceagesp, a maior central atacadista de alimentos in natura da América do Sul.



LUIZA KREITLON/AUTOMOTRIX

Volkswagen ID.4

NÃO ESTÁ À VENDA. Disponível há um ano somente pelo sistema de assinatura Sign&Drive

O ID.4 chegou ao Brasil há um ano, em julho de 2023, mas não foi colocado à venda. O primeiro modelo 100% elétrico da Volkswagen no mercado nacional foi disponibilizado apenas pelo sistema de assinatura Sign&Drive. Como outros programas de assinatura de veículos, o da marca alemã oferece benefícios como assistência vinte e quatro horas, documentações, garantias, gestão de multas e manutenção preventiva inclusa. No lançamento do ID.4 no Brasil, o cliente precisava desembolsar R$ 9.990 por mês para levar o SUV em um contrato de 24 meses e franquia de mil e quinhentos quilômetros. Ao fim do contrato, não há a opção de comprar o carro. Como a demanda ficou abaixo do esperado, a Volkswagen resolveu melhorar a oferta. Desde fevereiro deste ano, nos contratos de 24 meses, assinar o ID.4 passou a custar R$ 6.990 mensais (para rodar até 1.500 quilômetros por mês). Há ainda opções de assinar para dois mil quilômetros por mês, pagando R$ 8.490 mensais, ou para 2.500 quilômetros por mês por R$ 8.890 mensais, sempre para períodos de 24 meses.

Para quem já havia adquirido a assinatura do ID.4, os contratos foram atualizados com o valor da mensalidade reduzido – a diferença paga a mais nas faturas anteriores foi abatida a partir de abril. O fato é que, apesar da redução no valor, assinar o SUV elétrico da Volkswagen continua a ser uma opção ao alcance de poucos – é um automóvel bem difícil de se encontrar nas ruas brasileiras. A hipótese de que, futuramente, o ID.4 venha a ser vendido no Brasil não é confirmada nem descartada pela marca alemã.

Construído sobre a plataforma MEB, o ID.4 é disponibilizado pelo Sign&Drive somente na versão Pro Performance, uma configuração intermediária, equipada com motor no eixo traseiro e tração traseira – a versão "top" GTX 4Motion, disponível na Europa e nos Estados Unidos, traz dois motores, um em cada eixo, portanto, com tração integral. O estilo da carroceria é robusto, com linha de cintura elevada e facilmente identificável como um Volkswagen, privilegiando formas mais suaves. De perfil, chamam a atenção as impressionantes rodas de 21 polegadas – com pneus 225/45 na dianteira e 255/40 na traseira –, posicionadas nos limites da carroceria. A opção pelos balanços curtos ajuda a ampliar o espaço entre-eixos – que tem 2,76 metros e é maior em comparação aos SUVs médios concorrentes. Já as demais dimensões estão dentro do segmento: 4,58 metros de comprimento, 1,85 metro de largura e 1,61 metro de altura. Um acabamento prateado, da coluna dianteira até a traseira, passando sobre as portas, aumenta a percepção de leveza. Na frente e atrás, além dos emblemas redondos da marca alemã, o destaque visual fica por conta dos faróis e das lanternas com tecnologia IQ.Light Matrix com Light Bar, com elementos internos bem distintos. O ID.4 vem em duas opções de cores: Azul Dusk (a do modelo testado) e Cinza Moonstone, ambas com teto na cor Preto Piano.

Qualquer Volkswagen com motor atrás e tração traseira sempre evocará uma "referência ancestral" ao Fusca – um compacto que, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, tornou-se o primeiro modelo da marca alemã. A mesma configuração foi repetida no segundo Volkswagen mais famoso: a Kombi. Mas as referências ao passado se restringem a isso, já que o ID.4 é um veículo moderno – com soluções originais e tecnologias futuristas. A seleção das marchas é feita em um seletor posicionado em uma haste atrás do volante. O painel de instrumentos digital de 5,3 polegadas de estilo flutuante disponibiliza somente as informações mais relevantes, como velocidade, modos de condução e autonomia. Boa parte dos ajustes são acessíveis apenas pela tela sensível ao toque do multimídia. Entre eles, o Memory Park Assist Plus, que permite gravar trajetos curtos para que o carro possa repeti-los autonomamente até estacionar sozinho.

Com potência de 204 cavalos e torque de 31,6 kgfm, o motor elétrico do ID.4 é instalado sobre o eixo traseiro, enquanto a bateria de 77 kW fica no assoalho. Ela oferece sistema de recarga rápida e é capaz de completar até 80% da carga em 40 minutos, em um carregador DC (150 kW). A autonomia é de 370 quilômetros no ciclo PBEV (do Inmetro). Caso o assinante do ID.4 decidir ter um carregador elétrico em casa, um modelo da Greenv é oferecido aos usuários do Sign&Drive para locação por 24 meses, por R$ 599 mensais. Também é disponibilizado para compra, por R$ 7.649.

Em termos de segurança, o ID.4 traz sete airbags, câmera 360 graus com vista pela central multimídia, ACC (controle de cruzeiro adaptativo) mais frenagem autônoma de emergência e função stop&go, Turn Assist (assistente de conversão transversal) e Side Assist, que mantém o veículo na faixa de forma ativa. "Mordomias" como abertura e fechamento elétricos da tampa do porta-malas, iluminação interna em leds com 30 opções de cores e teto panorâmico de vidro reforçam a habitabilidade.



Com potência de 204 cavalos e torque de 31,6 kgfm, o motor elétrico do ID.4 é instalado sobre o eixo traseiro



Disponível há um ano somente pelo sistema de assinatura Sign&Drive, o elétrico Volkswagen ID.4 ainda é raridade nas ruas brasileiras

SINGULARIDADES TECNOLÓGICAS. No ID.4, os bancos frontais ergoActive, com acabamento em alcântara, são bastante confortáveis, contam com ajustes elétricos, funções memória, aquecimento e massagem. Na traseira, embora o espaço seja amplo, o passageiro do meio convive com um encosto ressaltado – atrás dele, fica uma portinhola que dá acesso ao compartimento de bagagens. A fita de leds que percorre todo o painel usa diferentes pulsos para "interagir" com o motorista – sinaliza se o carro está pronto para ser dirigido ou se a bateria está sendo carregada. A central multimídia tem tela de 10 polegadas e conexão sem fio para Apple CarPlay e Android Auto. Há carregador de celular por indução, ar-condicionado AirCare Climatronic Touch de três zonas e quatro portas USB-C. O acabamento interno é de qualidade e há harmonia de cores e texturas. O teto panorâmico de vidro é fixo, com cortina. E o porta-malas leva bons 543 litros.. O console central ajustável é prático, mas a proposta de eliminar o máximo de botões complica funções que deveriam ser simples. Há concentração de informações no multimídia, e acionar os comandos "touch" no multimídia e no volante pode ser complicado com o carro em movimento. No lado do motorista, os comandos de abertura das portas e dos vidros contam com duas teclas apenas – é necessário acionar previamente um seletor "Rear" para indicar se pretende comandar as janelas das portas da frente ou das de trás. Regular a temperatura do ar-condicionado também é mais complicado que o necessário, pela "economia" de botões. O sistema de estacionamento autônomo Park-assist é eficiente, no entanto, requer algum tempo de aprendizado. **(Luiz Humberto Monteiro Pereira-AutoMotrix)**



A fita de leds que percorre todo o painel usa diferentes pulsos para "interagir" com o motorista – sinaliza se o carro está pronto para ser dirigido

IMPRESSÕES AO DIRIGIR

Harmonia futurista

Até existe um botão de partida no ID.4, mas ele é supérfluo. Com a chave a bordo, basta pisar no pedal do freio para que o SUV elétrico esteja pronto para rodar – e o carro desliga sozinho quando o motorista aperta o "P" nos comandos do painel de funções, que fica em uma haste atrás do volante. Uma vez em movimento, o torque (instantâneo, como em qualquer elétrico) é farto. Basta pisar no acelerador para ter os 31,6 kgfm disponíveis. O comportamento dinâmico do ID.4 não chega a ser tão exuberante quanto o de outros elétricos mais "forçudos" – o ID.4 acelera de zero a 100 km/h em 8,5 segundos e chega à velocidade máxima de 160 km/h (limitada eletronicamente). Variando entre os modos "Eco", "Confort" e "Sport", é possível de se perceber que o carro evolui na capacidade de acelerar mais rapidamente. Na estrada, os 204 cavalos dão conta de mover as mais de duas toneladas do SUV se dificuldades. Ultrapassar parece ser sempre fácil – e o baixo nível de ruído a bordo reforça tal impressão.

A força do motor elétrico aplicada às rodas traseiras torna a dinâmica do ID.4 mais agradável e mais divertida do que nos elétricos com tração frontal. Como recebem mais torque devido à tração do motor, os pneus traseiros são mais largos. A suspensão bem calibrada e o centro de gravidade baixo gerados pelas baterias no assoalho reforçam a estabilidade em trechos sinuosos e reduzem as oscilações em pisos irregulares – amenizando dois problemas corriqueiros nos SUVs, com suas carrocerias altas e suspensões normalmente mais "molengas". As tecnologias disponibilizadas no ID.4 ajudam a tornar a convivência agradável. O sistema de recuperação máxima de energia atua como um suave freio-motor – basta parar de acelerar que o carro perde velocidade de forma gradual e confortável. O assistente de condução ativo permite manter uma distância pré-programada do veículo à frente, inclusive parando e retomando a marcha quando possível. O assistente de manutenção de faixa é eficaz e o controle adaptativo de suspensão (DCC) adapta o sistema suspensivo de acordo com modo de condução e terreno. A autonomia pode superar os 370 quilômetros previstos pelo Inmetro. Dirigindo de forma econômica, dá para passar dos 400 quilômetros sem preocupações com recargas.

FICHA TÉCNICA

VOLKSWAGEN ID.4

Motor: elétrico síncrono posicionado na traseira
Potência: 204 cavalos
Torque: 31,6 kgfm
Baterias: íons de lítio, 77 kWh
Autonomia: 370 km (Inmetro)
Tração: traseira
Direção: elétrica
Carroceria: SUV médio de quatro portas para 5 pessoas
Dimensões: SUV médio de quatro portas para 5 pessoas
Peso: 2.142 quilos
Porta-malas: 543 litros
Suspensão: MacPherson na dianteira e independente multibraços na traseira, ambas com molas helicoidais
Freios: disco ventilado na dianteira e tambor na traseira
Pneus: 225/45 R21 na dianteira e 255/40 na traseira
Preços: : Disponível somente para assinatura, por R$ 6.990 mensais (para rodar até 1.500 quilômetros/mês), R$ 8.490 mensais, (para até 2 mil quilômetros/mês) ou R$ 8.890 mensais (para 2.500 quilômetros/mês), para contratos de 24 meses.

Ducati DesertX Discovery



ITALIANA ABUSADA. Com a DesertX Discovery, a Ducati promete uma motocicleta pronta para qualquer aventura

DIVULGAÇÃO

A Ducati acaba de apresentar a DesertX Discovery, uma versão ainda mais radical da DesertX, a bigtrail aventureira lançada em janeiro de 2022. Depois da configuração Rally da DesertX, com foco no desempenho off-road, apresentada em outubro de 2023 e que continua sendo comercializada, a nova Discovery chega disposta a proporcionar aventuras inesquecíveis dentro e fora da estrada, graças a equipamentos para desbravar qualquer destino. A nova variante da DesertX incorpora componentes projetados para aumentar o conforto e a proteção da motocicleta e do piloto mesmo onde o asfalto termina. Oferecida nas cores Thrilling Black (preta) e Ducati Red (vermelha), a DesertX Discovery estará nas concessionárias europeias a partir deste mês – mas ainda não há previsão de chegada para o Brasil.

Robusta e aerodinâmica, a carenagem da DesertX Discovery foi projetada para oferecer proteção contra os elementos. Apesar de manter a base vista no modelo de origem, a Discovery foi criada para ser "imparável" em qualquer terreno. Por isso, é equipada de série com itens inéditos na linha DesertX, como protetores de mão reforçados. Os manetes aquecidos e o para-brisa maior buscam aumentam o conforto em baixas temperaturas, e o suporte central visa tornar a motocicleta mais estável, facilitando o acesso à bagagem durante as paradas e as operações de manutenção da corrente e da roda traseira.

O coração da Discovery é o mesmo da DesertX original: o motor Testastretta 11 graus de distribuição desmodrômica, refrigerado a líquido, de 937 cc, com 110 cavalos a 9.250 rpm e torque máximo de 9,4 kgfm a 6.500 rpm, também presente na Monster 937 e na Multistrada V2. É otimizado para uso específico na caixa de câmbio e nos equipamentos eletrônicos da DesertX Discovery. Três modos de pilotagem são dedicados ao uso na estrada, enquanto dois são projetados especificamente para pilotagem em trilhas. Graças a um tanque com capacidade de mais de 21 litros, é possível viajar limitando ao mínimo as paradas para reabastecimento.

Para ser uma motocicleta que se sente à vontade tanto em rotas alpinas mistas quanto em trilhas, a DesertX adota um chassi com base em uma estrutura de treliça de aço, com longo curso de suspensão. Com roda dianteira de 21 polegadas, a homologação tripla dos pneus permite que o piloto opte entre diferentes possibilidades, desde a condução no asfalto ou em trilhas. O painel de instrumentos de TFT de 5 polegadas oferece uma interface intuitiva, com display projetado para integração com o Sistema Multimídia Ducati, que permite conectar um smartphone, ativando funções como controle de música, gerenciamento de chamadas e navegação Turn by Turn (opcional), com indicações de estrada diretamente no painel. **(Edmundo Dantas-AutoMotrix)**



O motor Testastretta 11 graus de distribuição desmodrômica, refrigerado a líquido, de 937 cc, entrega 110 cavalos a 9.250 rpm



Robusta e aerodinâmica, a carenagem da DesertX Discovery foi projetada para oferecer proteção contra os elementos



Três modos de pilotagem são dedicados ao uso na estrada, enquanto dois são projetados especificamente para pilotagem em trilhas

PANORAMA

Novo Mini Countryman SE

IMERSÃO AO NOVO MUNDO. Maior modelo já produzido pela Mini, o novo Countryman elétrico desembarca no Brasil em duas versões, a partir de R$ 294.990

O mais longo modelo feito pela Mini acaba de chegar ao Brasil, em sua versão 100% elétrica. O Countryman SE ALL4 debuta no mercado brasileiro – produzido em Oxford, Inglaterra – em duas opções, a Exclusive, com preço de R$ 294.990, e a Top, a R$ 339.990. Ambas têm dez opções de cores para a carroceria (Cinza Melting, Vermelho Chili, Verde British, Preto Midnight, Branco Nanuq, Azul Sunset, Azul Blasing, Cinza Legend, Azul Slate e Verde Smokey). Em relação à cor do teto, a Exclusive tem três escolhas (branco, preto ou da cor do veículo) e a Top acrescenta uma quarta, em prata. Quanto ao revestimento interno, a Exclusive pode ter a combinação de Vescin e tecido em preto ou cinza. Na Top, há três possibilidades – preto e Vescin Dark Petrol, marrom e Vescin Vintage Brown ou apenas Vescin Beige.

O Countryman cresceu em relação à variante a combustão, medindo agora 4,43 metros de comprimento (13,6 centímetros maior), 1,84 metro de largura (dois centímetros a mais), 1,64 metro de altura (ante 1,57 metro da anterior) e 2,69 metros de entre-eixos (também dois centímetros a mais). Como consequência direta, o Countryman elétrico oferece mais espaço para todos os ocupantes. Na prática, o motorista e o passageiro da frente ganham quase três centímetros de largura para os ombros e cotovelos. Atrás, há mais 2,5 centímetros na largura para os ombros. O porta-malas passa a ter 460 litros de capacidade (55 litros a mais que a geração anterior), crescendo para 1.450 litros com o banco traseiro rebatido.

As rodas têm 18 ou 20 polegadas e variam de acordo com a configuração. Para ambas, o design é inédito, sendo aerodinamicamente otimizadas, reforçando o caráter esportivo do Countryman SE. Na lateral, o desenho da coluna "C" (a traseira), com o logotipo "ALL4" estampado, apoia a linha do teto na parte de trás do veículo e faz com que o modelo pareça mais curto, embora não sendo. A traseira tem linhas mais "limpas", para-choque com design robusto e lanternas em leds em posição vertical. O modelo teve sua aerodinâmica aprimorada em túnel de vento para melhorar sua eficiência para cortar o vento, resultando em um coeficiente aerodinâmico de 0,26 cx, enquanto o carro a combustão tem 0,31 cx.

Dois motores elétricos com uma potência total de 306 cavalos e torque de 49,4 kgfm (instantâneo, como em todo elétrico) movem o Countryman SE, justificando o "sobrenome" ALL4. Segundo a Mini, o novo Countryman acelera de zero a 100 km/h em 5,8 segundos e pode chegar à velocidade máxima de 180 km/h, limitada eletronicamente. A fabricante britânica garante ainda que o novo modelo mantém o Go-Kart Feeling (algo como "sensação de estar dirigindo um kart"), assegurando um bom comportamento especialmente nos contornos de curvas mais rápidas. A bateria do Countryman SE tem um conteúdo energético de 66,45 kWh e possibilita até 320 quilômetros de autonomia, conforme o Programa Brasileiro de Etiquetagem Veicular do Inmetro. Com capacidade de carregamento rápido de até 130 kW, pouco menos de 30 minutos são suficientes para carregar a bateria de 10% a 80%. **(Daniel Dias-AutoMotrix)**



DIVULGAÇÃO

As rodas têm 18 ou 20 polegadas e variam de acordo com a configuração



Countryman elétrico oferece mais espaço para todos os ocupantes



O Countryman SE é equipado com dois motores – um em cada eixo – tornando o carro um 4x4, com 306 cavalos

CINEMA. Alberto Barbera, diretor do festival, afirmou em nota que Burton é um dos autores mais fascinantes de seu tempo

Beetlejuice 2 abrirá Festival de Veneza

Tim Burton vai abrir o Festival de Veneza com seu "Beetlejuice 2", continuação do filme de 1988. A estreia vai acontecer em 28 de agosto, no Palazzo del Cinema, na ilha de Lido, na Itália, alguns dias antes da estreia mundial do longa, prevista para 4 de setembro.

Alberto Barbera, diretor do festival, afirmou em nota que Burton é um dos autores mais fascinantes de seu tempo, e que seu talento é extraordinário e visionário. Já Tim Burton disse estar animado para a estreia e que significa muito para ele que ela aconteça no festival.

O filme contará com Michael Keaton repetindo seu papel como Beetlejuice, além de outros membros do elenco original, como Catherine O'Hara e Winona Ryder. A atriz Jenna Ortega, famosa por seus papéis em "Wandinha" e na franquia Pânico, vive a filha da protagonista do primeiro filme.


REPRODUÇÃO / WARNER BROS
Michael Keaton retorna a papel que marcou uma geração de fãs dos longa-metragens de Tim Burton durante os anos 80 e 90

Na trama original, um casal de mortos fica irritado com a chegada de uma nova família em sua mansão. Os dois se juntam à filha do novo proprietário e pedem ajuda a Beetlejuice, entidade maligna que promete ajudá-los a assombrar os novos habitantes da casa. **(FP)**

Via Streaming

por Kreitlon Pereira
colunavia@gmail.com

Mythic Quest traz comédia em produtora de videogames

Apesar de existirem vários exemplos de séries de comédia que se passam no ambiente de trabalho, como "The Office" e "Brooklyn 99". Contudo, criar algo engraçado, sempre no mesmo ambiente, e sem se tornar repetitivo, é um trabalho difícil. A série "Mythic Quest: Raven's Banquet", original da Apple Tv, consegue superar essa dificuldade sem grandes problemas. Tendo sido lançada na plataforma de streaming em 2020, atualmente a produção conta com 4 temporadas, totalizando 30 episódios – cada um com cerca de 30 minutos. A série gira em torno da rotina de trabalho de uma equipe de desenvolvedores de videogame.

Na história, a empresa tem como principal produto o jogo de massive multiplayer online role-playing game (jogo de representação de papéis online, multijogador em massa) chamado Mythic Quest. Quando tudo começa, a equipe está desenvolvendo a primeira expansão do universo do jogo, a Raven's Banquet. Um personagem muito importante é o diretor criativo e criador do Mythic Quest Ian Grimm (Rob McElhenney). Como um clássico chefe narcisista e egocêntrico, o personagem tem uma sala acima de todos os outros funcionários e gosta de tomar para si todo o crédito de criação do jogo. Porém, nenhum sucesso seria possível sem a engenheira-chefe Poppy Li (Charlotte Nicdao), executora das ideias do chefe.

Além de resolver quase todos os problemas técnicos do jogo diariamente, Li também coordena uma equipe de programadores, bem menos eficientes do que ela mesma. Essa divertida relação de amor e ódio entre os dois é apenas um pedaço da série. Outros personagens que se relacionam com eles também roubam a cena, como o produtor executivo David Brittlesbee (David Horsnby) – cuja personalidade de conciliadora o impede de exercer o seu papel mais assertivamente –, o responsável pela área de monetização (que só pensa em dinheiro) Brad Bakshi (Danny Pudi) e a engraçada, mas assustadora, Jo (Jessie Ennis), que deveria ser assistente de David mas que idolatra Ian.


DIVULGAÇÃO / APPLE TV

Remake de 'Paper Mario' consagra obra-prima

"Paper Mario" tem sido um patinho feio às avessas. A série da mascote da Nintendo que seguiu os passos de "Super Mario RPG" e levou o encanador ao gênero de batalhas em turnos, diálogos e missões se sagrou como uma joia do Nintendo 64, mas acabou como um intruso em gerações mais recentes, com rejeição de público e crítica a games como "The Origami King".

O remédio da desenvolvedora, como tem sido em seus últimos lançamentos para o Switch, foi recorrer a "The Thousand-Year Door", o segundo e melhor título da série, lançado em 2004 para o GameCube.

Nesse novo envelope em alta definição, o jogo só reforça sua unanimidade como obra-prima de uma geração cujas joias são relembradas com saudosismo. Ainda assim, persiste aqui um defeito das antigas --o remake chega com o habitual preço salgado das novidades, R$ 299, sem conteúdo extra ou tradução para o português para justificar tal investimento.

Não é novidade do discurso contraditório da empresa japonesa, que publiciza o retorno ao Brasil, mas raramente lembra da nossa língua, sobretudo quando o texto é a alma do jogo, como é neste "The Thousand-Year Door", ou a porta milenar.

À parte o erro local, a versão para Switch honra a tradição entre uma remasterização e um remake, com uma trilha sonora atualizada e mais frenética, visuais límpidos, com efeitos de iluminação e modelos 3D refinados que dão ainda mais charme no contraste com as duas dimensões dos personagens de papel.

Há ainda pequenas adições que podem valer mais para iniciantes, como um novo personagem que ajuda com tutoriais e treinamentos.

Outra modificação notável para o público anglófono é o texto mais similar ao original japonês --alguns trechos puxam mais para o humor oriental absurdo, como quando Mario só consegue matar um dragão ao atacá-lo com o som do coaxar de um sapo.

Já outro trecho reviu o gênero da personagem Vivian, uma fantasminha trans. A revelação --que não é mero "tokenismo", já que esse detalhe é bem pensado no roteiro, no momento em que ela deixa de ser vilã e se une à trupe de Mario-- acabou gerando polêmica entre gamers que dizem ter a infância arruinada. Ora, não é culpa de ninguém que eles continuem sendo crianças. Tampouco foi um sinal de novos tempos: a história já constava da versão japonesa e havia sido deturpada em inglês.

Vivian é uma amostra das figuras complexas que cruzam a jornada de Mario em busca de sete estrelas de cristal que abram a porta milenar do título, numa ilha remota e decadente, para salvar o mundo dos X-Nauts, liderados pelo maléfico Sir Grodus.



NINTENDO / DIVULGAÇÃO
Paper Mario The Thousand-Year Door retorna em gloriosa alta definição no Switch

Por acaso, a princesa Peach acaba raptada e aprisionada no quartel-general desse exército, onde faz amizade com um computador inteligente, que se apaixona por ela; e Bowser, o habitual vilão tartaruga, acaba indo no encalço da aventura --ambos são um intervalo cômico entre os capítulos principais.

Enquanto isso, Mario navega por cenários diversos --de uma vila de Koopa Troopas (as clássicas tartaruguinhas) a uma masmorra cheia de Boos (os fantasmas) até uma ilha do tesouro e uma arena nos céus onde monstros lutam num campeonato de luta livre sem fim.

Em cada um desses cantos, Mario faz um novo amigo que o acompanhará para atravessar os desafios e lutar a seu lado, como Goombella --uma exploradora capaz de identificar as fraquezas dos inimigos--, Koops --um Koopa inseguro e trapalhão--, o invocado Yoshi Kid ou Admiral Bobbery, uma bomba que já navegou os sete mares e perdeu o amor de sua vida tragicamente.

É uma riqueza que raramente se vê na construção de personagens da franquia, e até espantam pela ousadia que, vira e mexe, cruza a linha do infantil com trocadilhos, piadas maliciosas e sentimentos maduros.

Vale a pena se deter nos textos --além dos diálogos, uma série de emails, cartas, jornais, missões secundárias e histórias que Luigi conta ao jogador-- para captar todo o charme em mais de 30 horas de história.

Os trechos de exploração são um brilho à parte graças aos poderes de Mario --que se transforma num avião ou num barquinho de papel, e pode enrolar para atravessar passagens estreitas-- e de cada um de seus companheiros, que ajudam a correr, planar, quebrar caixas distantes ou explodir passagens. A adição de um atalho para trocar rapidamente de parceiro, nessa versão para Switch, deixa toda a experiência mais fluída --no GameCube, era preciso pausar o jogo para isso.

Do original, persiste a chatice de ir e voltar por longas distâncias, algo parcialmente resolvido pela adição de uma central de viagens rápidas entre os cenários.

Já as lutas exigem estratégia e habilidade para pressionar botões no momento certo ou mover o analógico de forma inusitada e mantém o jogador atento como em "Super Mario RPG", mas com mais variedade.

São batalhas no geral mais demoradas, que demandam uma atenção entre os ataques do próprio Mario e do parceiro. Já os inimigos desafiam menos pela força que pelas suas características --monstros voadores só podem ser atingidos com pulos, enquanto outros só levam dano com as marretadas de Mario ou quando sofrem um ataque mágico.

Completa ainda a experiência uma série de insígnias que Mario compra ou coleta ao longo da aventura, e podem ser equipadas num sistema limitado, que tenta balancear esse bônus, que incluem habilidades para recuperar a vida, mais ataque, poderes únicos etc. --há até uma para ouvir a trilha sonora original do GameCube ou vestir Mario com roupas diferentes.

Entre a nostalgia de quem pôde jogar o game há 20 anos e o descobrimento de quem termina "The Thousand-Year Door" pela primeira vez, a Nintendo acerta de novo, mas sem impressionar ou somar em termos de conteúdo.

É habitual bom trabalho de resgatar pérolas do catálogo numa versão definitiva, mas com um olhar ainda restrito para um certo umbigo de consumidores dispostos a abaixar a cabeça para seus caprichos do primeiro mundo. **(FP)**

FUTURO. Produção global de plástico sobe mais do que a de qualquer outro material

Plásticos podem vir a infestar os oceanos



CRISTIAN PALMER / UNSPLASH

Os plásticos vêm se tornando em um 'visitante' cada vez mais frequente nos mares de todo o planeta

Já imaginou que em 2050 pode ter mais plástico do que peixe nos oceanos?

Essa é a situação prevista caso a quantidade de lixo plástico no mar siga aumentando no ritmo atual.

A produção global de plástico cresce mais do que a de qualquer outro material, e aumentou 4 vezes nos últimos 30 anos. Ela deve dobrar até 2060. O seu descarte, é claro, aumentou no mesmo ritmo e bateu 450 milhões de toneladas por ano.

Quase 40% dos resíduos vão parar em lixões e na natureza. E apenas 9% do plástico descartado no planeta é reciclado.

E o resto? Parte é queimada, outra é enterrada e outra vai parar na natureza, gerando poluentes químicos que contaminam o ar, o solo e a água e produzem gases de efeito estufa ligados à crise climática além de fragmentos minúsculos, os microplásticos, que já foram encontrados no sangue, leite e até cérebro humanos.

O plástico é vítima do seu próprio sucesso. Versátil, durável e barato, é um material derivado do petróleo e que revolucionou a vida moderna.

Está nos carros e aviões, nos hospitais e nas escolas, no seu celular e na sua roupa, e em quase toda a sua casa. Pode reparar!

Metade das embalagens de bens de consumo -do arroz, da água, do xampu, dos produtos de limpeza- são de plástico. E, após o uso, todo esse plástico vai para o lixo porque essas embalagens foram projetadas para o descarte, e não para a reutilização ou reciclagem. É um problema de design e escolha de materiais para o qual algumas empresas estão começando a acordar.

Até porque essas mesmas empresas são hoje responsáveis pela gestão dos resíduos que seus produtos geram em lugares como Europa e Coreia do Sul, e também porque certos produtos plásticos, em especial os chamados de plásticos de uso único, descartados depois de minutos, estão sendo banidos por lei em lugares como Austrália, Índia, Hong Kong, Ruanda e Reino Unido.

O tema entrou na pauta da Organização das Nações Unidas, que prevê para este ano um Tratado Global de Combate à Poluição Plástica, apesar das reticências de países produtores de petróleo.

Esse jogo de forças de gigantes tem como pano de fundo questões técnicas, como as diferentes propriedades e aditivos dos muitos tipos de plástico, o que cria certa confusão sobre o que a gente sequer imagina, mas que tem impacto nas nossas escolhas e práticas do dia a dia.

A primeira é dos ícones de identificação dos diferentes tipos de plásticos, criada pela Sociedade da Indústria Plástica dos Estados Unidos em 1988. São números de 1 a 7 dentro de um triângulo formado por três setas, o símbolo da reciclagem.

Essa escolha foi criticada porque poderia passar a impressão para os consumidores de que aquele material era reciclável e seria reciclado, o que não é verdade, mas muita gente não sabe.

A segunda confusão é quando entra o prefixo "bio". Bioplástico, por exemplo, tem origem diferente dos combustíveis fósseis usados no plástico tradicional, o que é bom, mas se desintegra em microplásticos poluentes igualzinho ao plástico comum.



BRIAN YURASITS / UNSPLASH

Estudo aponta futuro preocupante para os oceanos durante os próximos 26 anos

O tema entrou na pauta da Organização das Nações Unidas, que prevê para este ano um Tratado Global de Combate à Poluição Plástica

Já oxibiodegradável, que soa como algo legal, é um plástico de origem fóssil normal com um químico a mais que faz ele virar microplástico mais rápido do que o normal.

Por último, nessa confusão, tem empresa que pratica o chamado "greenwashing", ou seja, que faz alegações falsas sobre práticas sustentáveis.

Quando proibiram o uso de canudos plásticos, por exemplo, surgiram produtos que se diziam biodegradáveis. Mas um teste de sete desses canudos descobriu que nenhum deles era biodegradável de verdade.

Enquanto pesquisas e preocupações avançam, tem gente de olho em novos materiais que possam substituir o plástico (lembra daquele copo de mandioca? tipo isso) ou que possam torná-lo compostável ou biodegradável na prática, e não só no selinho. **(FP)**

Mais plástico vai para o oceano do que para a reciclagem

Os oceanos do planeta acumulam hoje entre 75 e 199 milhões de toneladas de resíduos plásticos, segundo estimativa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Trata-se de um retrato da histórica má gestão global de resíduos sólidos urbanos, em que mais lixo plástico escapa para o meio ambiente (22%) do que é coletado para reciclagem (15%), de acordo com estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico). Na prática, apenas 9% dos resíduos plásticos são reciclados no mundo.

Para agravar esse quadro, o uso global de plástico, que quadruplicou nos últimos 30 anos, deve dobrar até 2060. Com isso, pode tornar-se real a projeção de que, se o cenário não mudar, em 2050 haverá mais plástico do que peixe nos oceanos.

Como as correntes marítimas não conhecem fronteiras, o vazamento de lixo plástico para o oceano é um desafio global que faz com que pequenas ilhas com baixo consumo deste material sejam invadidas pelo resíduo trazido de outros países. Ou que faz aparecerem garrafas plásticas de bebidas produzidas na China e na Malásia no litoral Sul da Bahia, como verificou projeto de coleta empreendido pela Veracel, no Terminal Marítimo de Belmonte.

Ainda que a pesca e o transporte marítimo sejam responsáveis por parte do plástico nos oceanos, são os rios os maiores emissores desses resíduos nos mares. Eles carregam até o mar o lixo plástico descartado de forma inadequada --às vezes há centenas de quilômetros de distância da linha costeira.

Um estudo da ONG holandesa Ocean Clean Up feito em parceria com pesquisadores de universidades da Holanda, Alemanha e Nova Zelândia apontou que cerca de mil rios dos cinco continentes são responsáveis por 80% das emissões anuais de plástico no oceano, estimadas entre 0,8 e 2,7 milhões de toneladas por ano.

No Brasil, a organização Blue Keepers, que integra o Pacto Global da ONU, identificou 600 portas de entrada de lixo plástico no mar. As principais delas ficam nos estuários de grandes bacias hidrográficas do país, como o das baías de Guanabara (RJ) e de Todos os Santos (BA), e dos rios Amazonas, Tocantins, São Francisco e Paraíba do Sul.

Segundo o estudo, um terço do plástico produzido no Brasil está propenso a chegar ao oceano todos os anos, e a estimativa é de que cada brasileiro seja responsável por contribuir com 16 kgs de resíduos plásticos da poluição marinha anualmente.

"O plástico dos oceanos não é um problema cênico", diz o biólogo Ítalo Braga, professor da Unifesp em Santos (SP). "Ele ameaça a biodiversidade, gera morte celular, processos inflamatórios e danos à reprodução que vão muito além do plástico no estômago da baleia ou do canudo enfiado no nariz da tartaruga. São microalgas, bactérias e animais invertebrados que geram serviços ecossistêmicos dos quais depende toda a vida no planeta, incluindo a vida humana."

Embalagens representam 40% de todos os resíduos plásticos. Isso porque hoje metade do mercado de embalagens é do plástico, a maior parte delas projetadas para o descarte.

"A lixeira das nossas casas é uma simulação do que acontece no ambiente, nos mares, nas praias: a maior parte dos resíduos não orgânicos é plástico", explica o biólogo André Lima, pesquisador do Mare (Centro de Ciências do Mar e do Ambiente) de Portugal.

"O plástico se tornou parceiro do modelo atual de produção, consumo e acumulação porque ampliou o acesso a produtos e a alimentos que precisavam ser conservados. Quando a gente começa a rever esse modelo, uma das coisas é rever o nosso consumo de plástico", afirma o presidente da Associação Brasileira da Indústria Plástica, Paulo Teixeira, apontando para os casos em que certos produtos estão sendo banidos e outros, substituídos.

Para Lara Iwanicki, da ONG Oceana, "o passivo ambiental da poluição plástica é da indústria, e o fato de vários países terem percebido o tamanho do problema simultaneamente" alerta para a urgência do tema.

Um Tratado Global Contra a Poluição Plástica está em negociação no âmbito da ONU e deve ser concluído em novembro, em reunião na Coreia do Sul.

Iwanicki, que lidera a campanha de Combate à Poluição Marinha por Plástico da ONG, explica que as algumas das características que fizeram do plástico um material valioso para a indústria também o transformaram em um problema ambiental: baixo custo, baixa densidade e alta durabilidade.

O baixo custo fez o material ganhar escala, a baixa densidade faz com que ele seja facilmente transportado pelo vento e pelas águas, e a alta durabilidade faz com que ele persista por muito tempo no ambiente.

No mar, sob o efeito do vento, das correntes e dos raios ultravioleta, o plástico se fragmenta em microplásticos e nanoplásticos que ameaçam a fauna marinha e que já foram encontrados em diversos órgãos do corpo humano.

O relatório da Oceana informa que no Brasil já foram necropsiados mais de 3,7 mil animais que ingeriram resíduos plásticos e que um em cada dez deles vem a óbito. Ao confundir pedaços de plástico com suas presas, eles entopem seu trato digestivo com o resíduo e morrem de inanição. **(FP)**